

## A tradução como reescritura e a influência da patronagem num sistema literário

Daniela da Silva Vieira<sup>1</sup>

**Conceitos específicos do estudo da tradução ajudam a identificar a proposta existente no processo tradutório inserido em um dado sistema literário**

Muitos vêem a tradução como uma mera transposição de palavras de uma língua para outra, como uma simples ação de "passar" para a língua-alvo o que é equivalente na língua fonte. Tal idéia foca mais explicitamente o plano dos signos, das palavras, deixando de analisar a obra traduzida como veículo formador de opinião e de identidade cultural e até mesmo como um objeto manipulador de massas. Alguns autores, porém, como Lawrence Venuti e André Lefevere, consideram a tradução como algo extremamente poderoso, ao ponto de revelar, por exemplo, as fundações instáveis de uma instituição política. Para tanto, valem-se de alguns conceitos referentes à tradução tais como reescritura, sistema e patronagem, suas influências na obra traduzida, bem como o que acontece nos bastidores do ofício do tradutor e como este se comporta nesse meio.

Segundo André Lefevere, um leitor não-profissional é, por exemplo, aquele que não é nem professor, nem aluno do curso de letras, de forma que tenha conhecimento de uma literatura somente por meio da reescritura. Para muitos destes, e por razões diversas, entre elas a escassez de tempo e o desconhecimento de línguas estrangeiras, só lhes resta confiar no que foi publicado por certas edições que lhes pareceram convincentes, em lugar de apreciar a leitura da obra tal como foi escrita. Um exemplo típico é o que ocorre, geralmente, nos cursinhos pré-vestibulares, onde os alunos, ao invés de lerem os clássicos selecionados por uma dada instituição, lêem o livro já analisado, normalmente, a partir de um resumo feito pelo professor de literatura.

O reescritor, assim, cria imagens de escritores, de obras, de períodos, enfim, de uma literatura inteira, de acordo com a ideologia do seu tempo ou por outras razões motivadas pelos patrocinadores, assunto que veremos posteriormente.

Pode-se afirmar que os reescritores sempre estiveram ao nosso redor, como exemplifica Lefevere: (...) o escravo que reunia as antologias dos clássicos gregos para ensinar os filhos dos seus mestres romanos, o crítico do século XIX ao expor a doçura e a luminosidade contida nas obras de literatura clássica ou moderna para uma audiência cada vez mais desinteressada; (...) o tradutor do século XX que tentava 'trazer o original' através de culturas. Conforme muitas gerações de tradutores tentaram anteriormente (...) (1992, p.3).

Tendo em vista o que foi mencionado, deve-se considerar a tradução como reescritura, pois o tradutor, como reescritor, cria imagens para os leitores, imagens estas muitas vezes determinadas pelo sistema.

O conceito de sistema, inicialmente elaborado pelos formalistas russos, é usado por Lefevere para designar um grupo de elementos que se interrelacionam e compartilham características que os afastam de outros, ditos não participantes do sistema. Considere o sistema literário. Dentro desse sistema maior, que se distingue de outros sistemas, há outros elementos que podem ser chamados de subsistemas, tais como a tecnologia, a ciência e a própria literatura, que irão se interrelacionar de acordo com a determinação da lógica da cultura.

Desse modo, um sistema age com uma série de limitações sobre o leitor (profissional e não-profissional). Mas, mesmo assim, a partir dessa justificativa não podemos dizer que a literatura seja algo que destrói a liberdade dos indivíduos que estão inseridos num sistema literário. Ambos, profissionais e leitores, podem ou não se adaptar ao que é "estipulado" pelo sistema literário.

<sup>1</sup> Acadêmica da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

## **Traduzir não é simplesmente permutar elementos ou transpor de palavras de um idioma para outro**

O tradutor reescreve uma obra estrangeira para uma dada língua-alvo baseando-se em alguns princípios pré-determinados pelo sistema literário. Estes se relacionam, principalmente, com interesses particulares de culturas específicas. Para que o tradutor atinja esses interesses, o texto a ser traduzido não é escolhido aleatoriamente, mas a partir da exclusão de outros que não atendam os tais interesses domésticos. Assim, há uma grande preocupação em "selecionar" as traduções, visto que, aos poucos, elas influenciam nas relações geopolíticas, reforçando-as, além de criarem estereótipos.

As "limitações" estabelecidas pelo sistema literário aos tradutores que aceitam se adaptarem ao sistema ou à lógica da cultura incluem: traduzir obras consideradas aceitáveis para aquele tempo e lugar, e adequar essas obras à ideologia e à política daquela cultura. Vejamos, na citação de Kavanagh feita por Lefevere, as limitações com as quais Shakespeare teve que lidar: Como qualquer outro súdito real ele teve que satisfazer - ou pelo menos não desagradar - à soberana e sua corte; a rainha, com razão, era sensível a qualquer desafio à legitimidade da monarquia, e sua palavra poderia pôr fim à carreira de Shakespeare, senão à sua vida. Ele também tinha que evitar a censura das autoridades londrinas, cujo puritanismo militava contra qualquer produção de teatro como decadente, frivolidade supersticiosa e que procuravam motivos para fecharem os teatros. Como um novo tipo de empresário ideológico ainda trabalhando dentro das relações tradicionais de patronagem da produção literária, Shakespeare teve que prestar favores para seu patrocinador na corte, nesse caso, o poderoso Lord Chamberlain - que proporcionava proteção política à companhia e, literalmente, a licença para funcionar; ao mesmo tempo, Shakespeare tinha que manter o interesse de um vasto público vindo das classes trabalhadora, artesanal e mercantil. (apud Lefevere, 1992, p. 2-3)

Seria Shakespeare um grande escritor se não tivesse sido patrocinado? Não há dúvidas de seu enorme talento, mas provavelmente haveria outros em sua época tão talentosos quanto ele. A partir dessa ilustração percebe-se que a "lógica da cultura" é controlada por alguém ou por algo, fazendo com que o sistema literário não entre em desarmonia como os demais sistemas.

Há dois fatores de controle essenciais que regem o sistema literário. O primeiro deles, segundo Lefevere, pode ser considerado um fator interno, pois é exercido pelo profissional da área literária que prestará o serviço de "selecionar" as obras adequadas à poética e à ideologia de certa cultura. O segundo fator de controle, externo ao sistema literário, é chamado patronagem: entendido como um poder que incentiva ou inibe o que é escrito, lido e reescrito pelo profissional dentro do sistema literário.

Em resumo, há um jogo de forças, as quais se completam dentro de um sistema: uma força externa (patronagem) que pressiona uma força interna (profissional) gerando uma "harmonia" dentro do sistema literário. A patronagem é exercida pelo patrono, que pode ser um único indivíduo, um grupo de pessoas ou até mesmo instituições, como por exemplo, a política, a igreja e a mídia, sendo que esta última pode ser considerada a mais forte de todos.

O sistema patronagem se constitui de três componentes básicos: o ideológico, o econômico e o status. Assim, o profissional que é submetido a esse sistema terá que escrever, traduzir ou reescrever obras cujo assunto é determinado pelo patrocinador, que irá recompensá-lo com uma remuneração por seu ofício e o integrará a um grupo de profissionais da elite literária. A esta espécie de patronagem chamamos de não-diferenciada, pois os três elementos são disponibilizados por um único patrocinador.

Geralmente, o fator ideológico é o que mais interessa ao patrono, pois o que querem, na verdade, é regular e controlar o pensamento de uma sociedade, fazendo com que ela forme uma opinião baseada na ideologia proposta por eles, mantendo, assim, a continuidade de sua autoridade social.

Há uma segunda espécie de patronagem denominada diferenciada. Neste caso, a existência daqueles três elementos (ideológico, econômico e status) não é obrigatória. O profissional talvez obtenha sucesso econômico, contudo, pode ser que, neste tipo de patronagem, não alcance status ou não tenha seu trabalho bem-visto aos olhos da elite cultural.

Por isso, dizer que o tradutor é um traidor ou que não tem princípios por aceitar as "limitações" que lhes são requeridas é algo extremamente injusto. Se ele não se submete ao sistema da patronagem, pode não sobreviver em sua profissão. Lefevere acredita que o tradutor tem dois caminhos a seguir: o de se adequar ao sistema ou abandonar as limitações impostas por ele. Conclui-se que em alguns contextos, ou na maioria deles, o tradutor só tem um caminho a optar, ou seja, o da patronagem.

Eis o exemplo da tradutora Raquel de Queiroz, que iniciou seu trabalho na década de 30. Comunista que era, sempre se mostrou atuante na política, "no entanto abandonou o partido comunista porque seus dirigentes tentaram censurar suas obras (...) que eram consideradas subversivas" (Oliveira, 2002, p. 10), ou melhor, os textos não estavam de acordo com a ideologia dominante. Mais tarde, a escritora se uniu a um grupo anticomunista e, durante as décadas de 60 e 70, traduziu oito livros, sob o patrocínio de três grandes editoras (José Olympio, Delta e Ediouro), as quais estavam de acordo com a ideologia articulada com o golpe militar de 64.

Deste modo, poder-se-ia enfatizar o poder da tradução: ela manipula e é eficaz, pois cria opiniões e induz as pessoas no modo de pensar. Traduzir não é simplesmente permutar elementos ou transpor de palavras de um idioma para outro. Antes de julgar qualquer tradução, o sujeito deve ter em mente que o processo de tradução tem início já na escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, pois, na maioria dos casos, ela está sob o poder da patronagem. Assim sendo, o ofício de traduzir é algo muito mais delicado do que se imagina.

## REFERÊNCIAS

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London, New York: Routledge, 1992, p. 1-10, traduzido por Juliana Soares Fagundes.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 11-25, traduzido por Giovana Cordeiro Campos.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *Artigo: Entrelaçamento de tradução e história no contexto brasileiro*, 2002.

VENUTI, Lawrence. *A Tradução e a Formação de Identidades Culturais*. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 173-198

